Originalmente publicado na Revista COOPEX/FIP (ISSN:2177-5052). 11ª Edição - Vol. 11 - Ano: 2020. No seguinte endereço: http://coopex.fiponline.edu.br/artigos

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E O NOVO ESPECTRO ÉTICO: UM DIÁLOGO ENTRE NIETZSCHE E FREUD

Marcos Vitor Costa Castelhano 1*

Délis Sousa Benevides 2

Gerlane Costa dos Santos 3*

Resumo: O surgimento das discussões éticas ganham um aspecto mais coesa através do período socrático, sendo o principal alvo de discussão para a construção de valores que deveriam guiar os homens na consolidação do Estado. Dessa forma, essa temática em Filosofia, geralmente, permeia a importância do bem comum na edificação social. Autores como Charles e Lipovetsky afirmam que as civilizações contemporâneas regem os comportamentos dos sujeitos por meio de princípios individualistas arraigados nas manifestações culturais e econômicas que as constituem, distanciando-se das pretensões filosóficas do período Clássico. A partir dessa afirmação, surge o seguinte questionamento: de que forma a ética se expressa nas sociedades contemporâneas? Para responder essa pergunta, o trabalho proposto traz consigo uma linha argumentativa que integra as visões de dois dos maiores pensadores da humanidade, no caso, Frederich Nietzsche e Sigmund Freud. Em que, foi-se explanado obras dos autores supracitados que pudessem se relacionar com o temática abordada, entre elas estão: Futuro de uma Ilusão, Mal-estar na Civilização; Totem e Tabu, Genealogia da Moral, Humano Demasiado Humano, Crepúsculo dos Ídolos, Assim Falou Zaratustra, entre outras. Além disso, pesquisou-se artigos e postulados que pudessem somar nas elaborações propostas, encontrados nas plataformas digitais do Google Acadêmico e Scielo. Portanto, o referido artigo objetiva gerar uma reflexão sincrética entre as teorias de ambos os pensadores, possibilitando a visualização das transformações éticas no contexto pós-moderno.

Palavras-chave: Psicanálise. Ética. Transformação. Nietzsche.

* 1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

2 Graduanda do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 3 Psicóloga Atuante. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Saúde Mental (Facisa) e em Saúde Coletiva (Uninter). Mestranda em Ciências da Educação (FACSU). Email: gerlanepsic12@hotmail.com

Abstact: The emergence of ethical discussions takes on a more cohesive aspect throughout the Socratic period, being the main target of discussion for the construction of values that should guide men in the consolidation of the State. Thus, this theme in Philosophy generally permeates the importance of the common good in social edification. Authors such as Charles and Lipovetsky claim that contemporary civilizations govern the behavior of individuals through individualistic principles rooted in the cultural and economic manifestations that constitute them, distancing themselves from the philosophical pretensions of the Classical period. From this statement, the following question arises: how is ethics expressed in contemporary societies? To answer this question, the proposed work brings an argumentative line that integrates the views of two of humanity's greatest thinkers, in this case, Frederich Nietzsche and Sigmund Freud. In which, it was explained works of the aforementioned authors that could relate to the theme addressed, among them are: Future of an Illusion, Malaise in Civilization; Totem and Taboo, Genealogy of Morals, Human Too Much Human, Twilight of the Idols, Thus Spoken Zarathustra, among others. In addition, articles and postulates that could add up to the proposed elaborations were found, found on the digital platforms of Google Scholar and Scielo. Therefore, this article aims to generate a syncretic reflection between the theories of both thinkers, enabling the visualization of ethical transformations in the postmodern context.

Keywords: Psychoanalysis. Ethic. Transformations. Nietzsche.

Introdução:

O surgimento das discussões éticas ganham um aspecto mais coesa através do período socrático, sendo o principal alvo de discussão para a construção de valores que deveriam guiar os homens na consolidação do Estado. Dessa forma, essa temática em Filosofia, geralmente, permeia a importância do bem comum na edificação social (Cotrim e Fernandes, 2011).

Autores como Charles (2009) e Lipovetsky (1989) afirmam que as civilizações contemporâneas regem os comportamentos dos sujeitos por meio de princípios individualistas arraigados nas manifestações culturais e econômicas que as constituem, distanciando-se das pretensões filosóficas do período Clássico. A partir dessa afirmação, surge o seguinte questionamento: de que forma a ética se expressa nas sociedades contemporâneas?

Para responder esta pergunta, o trabalho proposto traz consigo uma linha argumentativa que integra as visões de dois dos maiores pensadores da humanidade, no

caso, Frederich Nietzsche e Sigmund Freud. Em que, foram-se explanados as obras dos autores supracitados que pudessem se relacionar com o temática abordada, entre elas estão: Futuro de uma Ilusão (1989), Mal-estar na Civilização (1996a), Totem e Tabu (1996b), Genealogia da Moral (1999), Humano Demasiado Humano (2000), Crepúsculo dos Ídolos (2001), Assim Falou Zaratustra (2002), entre outras. Além disso, pesquisaram-se artigos e postulados que pudessem somar nas elaborações propostas, encontrados nas plataformas digitais do Google Acadêmico e Scielo.

Portanto, o referido artigo objetiva gerar uma reflexão sincrética entre as teorias de ambos os pensadores, possibilitando a visualização das transformações éticas no contexto pós-moderno.

Fundamentação teórica:

Inicialmente, faz-se necessário compreender a denominação da palavra ética, que segundo Cotrim (2007) seria um conjunto de valores que guiam o comportamento humano dentro de um contexto sócio-histórico e cultural, apresentando em sua estrutura um duplo sentido, como visto na tabela a seguir:

Tabela 1: o duplo sentido da ética

Sentido preparativo	Formação de princípios existenciais para orientar os seres humanos em uma ação moralmente certa.
Sentido reflexivo	Reflexão dos sistemas valorativos que guiam os sujeitos em um dado contexto, formulando questionamentos para favorecer a orientação dialética.

Diante do exposto, Cotrim (2007) revela que os princípios norteadores que compõe a ética, em seu sentido universal e relativo, fundamentam a união constitutiva entre o saber e fazer, para a posteriori, poder aprimorar o ser. Isto é, os valores de uma dada sociedade influenciam de maneira diretiva as condutas do sujeito em sua vida cotidiana, demonstrando a imposição civil dos limites nas atuações sociais dos cidadãos.

Quando levado tal discussão para ótica de Nietzsche (1999), a moral se apresenta para lá de um mero direcionamento acional, uma vez que aplaca a vontade de poder dos sujeitos em meio de "virtudes" que caluniam seu potencial intrínseco. Para entender afirmativa acima, o autor explica que o espírito humano é formado por dois impulsos, um de caráter apolínio voltado a concepção racional e outro de âmbito dionisíaco representado pela afirmação de vida, ou seja, aquilo que há de mais natural no ser humano (Nietzsche, 1992).

Com advento da Filosofia Socrática, a razão passou a ser supervalorizada e todos os elementos que não se enquadrassem nesta completude deveriam ser reprimidos e/ou domados. Porém, esse não foi auge dos obstáculos sobre a natureza humana. Para o filósofo, com a criação do doutrinário cristão, passou existir uma radicalização do movimento racional pautado nos sacrifícios para atingir o mundo ideal (Amorim, 2016).

Para entender a moral de rebanho realizada pelo cristianismo, o autor constrói o chamado método genealógico que pretende encontrar as origens dos valores do ocidente por via de suposições históricas e de uma análise linguística (Paschoal, 2000; Azambuja, 2013). Destarte, o desenvolvimento moral crítico é uma das bases teóricas do movimento nietzscheano (BITTAR, 2003; ARALDI, 2008;GORI, 2014).

Então, para Nietzsche (1999; 2007), deve existir uma transformação dos princípios que regem as condutas humana, para que o homem supere os fatores que limitam a sua aproximação dos impulsos naturais. O filólogo cita que o sujeito deve buscar suas próprias virtudes e não seguir os aspectos impostos pelo âmbito coletivo (Nietzsche, 2003). Em outras palavras, a moral vigente se apresenta como um obstáculo para a libertação do espírito humano, tornando-se indispensável a gênese de uma perspectiva que atinja preceitos que vão além do bem e do mal (Nietzsche, 2002; Camargo, 2010). No qual, o ressentimento passa ser um dos elementos essenciais para sua elaboração teorética (Ferraz, 1999; Trevisan, 2005; Moreira, 2010; Paschoal, 2011; Paschoal, 2012; Farias, 2013; Bittencourt, 2016; Paschoal, 2016; Reginster, 2016; Arruda, 2017; Pondé, 2019;).

Nietzsche (2000), com a lapidação de sua teoria, começa a romper com os romantismo alemão e as ideias de Schopenhauer (2001), buscando edificar uma ótica que permitisse a ascensão dos espíritos livres diante do idealismo que obstrui as idiossincrasias. De tal maneira, o pensador afirma que sua doutrina apresenta dois objetivos principais, o primeiro seria a construção de princípios propriamente humanos

que tornassem os homens melhores e mais fortes, já o segundo intuito se voltaria a crítica da moral vigente e de suas argumentações expelidas (Nietzsche, 2001).

Por outro lado, quando levado a discussão do âmbito ético para a teoria freudiana, percebe-se um novo contemplar prestante as permutas efetuadas ao longo da história. Para Freud (1996b) as respostas essenciais para compreender o debate estariam no período que antecede a sociedade totêmica, marcado pelo monopólio do pai horda que era temido por todos os integrantes do grupo, sobretudo, pelos machos. O autor exprime que com morte da figura paterna os aspectos civilizatórios foram inseridos na construção do mundo cultural, sendo estabelecido uma nova organização simbólica que sofreu diversas modificações com o passar dos séculos (Freud, 1996b). Um dos grandes exemplos destas mudanças que marcam os seres humanos nos tempos atuais, advindas deste período, seriam os códigos civis e as religiões que adotam o papel repressivo sobre certos impulsos que vão de encontro com os preceitos sociais.

Com isso, o pensador demonstra que a civilização é oriunda de um parricídio que agora se expressa nas normativas sociais ganhando novas formas com o passar das épocas, mas continua mantendo um objetivo semelhante do pautado no contexto primitivo (Freud, 1996b). Sendo a religião um fenômeno intrínseco a esse processo (David, 2003). Porém, mesmo que a religião influencie as proibições na formação civilizatória, este sistema de crenças não pode ser considerado um sinônimo de ética, visto que as orientações propostas apresentam características da função paterna (Freud, 1987).

Outro elemento de demasiada significância que se encaixa em tal debate, seria a ideia de pulsão, denominada como um representante psíquico oriundo de processos internos e que ocupa a fronteira entre o mental e o somático (Garcia-Roza, 1983). Em que, é divido por duas categorias: a pulsão de vida e a pulsão de morte. A primeira é voltado a reprodução, autoconservação e atividades de subsistências, entre outras características semelhantes (Reis, Magalhães e Gonçalves, 1991; Fadiman e Frager, 1986; Schultz e Schultz, 2002; Feist e Feist, 2008; Mednicoff, 2015;). Já a pulsão de morte é voltada a agressividade, compulsão à repetição e autodestruição (Freud, 1996g; Guitiérrez-Terrazas, 2002; Rudge, 2006; Nakuso, 2007).

À visto disso, a pulsão sempre é ativa, tendo em vista suas particularidades estruturais que dão movimento ao aparelho psíquico (1996d). Logo, esse elemento não apresenta um objeto específico, mesmo que venha buscar ao decorrer do desenvolvimento psicossexual (Freud, 1996e; Freud, 1996f;).

Partindo deste pressuposto, Freud (1996a) afirma que muitos dos impulsos que compõe os sujeitos tendem a ser renegados pela sociedade, já que vão de encontro com as regras propostas no convívio social, nascendo o mal-estar. Todavia, o conflito psíquico diverge da posição estática, uma vez que são procurados satisfações substitutivas de caráter estratégico para evitar a tensão do ego. Encontrando-se entre esses meios, o mecanismo de sublimação que é caracterizado como um processo que visa a realização dos impulsos do id por meio de tarefas social e culturalmente aceitas (Kusnetzoff, 1982; Laplanche e Pontalis, 1996; Davidoff, 2001; Teixeira, Bock e Furtado, 2008; Birman, 2009; Zimerman, 2009; Bragholli, 2010; Metzeger, 2010; Cotrim e Fernandes, 2011; Dos Santos, 2014; Mednicoff, 2015;).

Seguindo estas estratégias, seria possível lidar com os impulsos inoportunos, estabelecendo um Eros Social para manter os sujeitos unidos em comunhão, evitando conflitos catastróficos (Freud, 1996c). Visto que, antes de tudo, o homem é um ser relacional e outro se faz presente na formação de sua constituição psíquica (Freud, 1990).

Sendo assim, apesar das diferenças de perspectiva, ambos os teóricos conversam de diversas maneiras possibilitando um diálogo incisivo sobre as diversas temáticas que englobam os seres humanos e suas sociedades (Neto, 1997; De Santana, 2017). Entre as possibilidades discursivas, encontram-se as transformações éticas e sua influência na vida cotidiana.

Apesar das controvérsias teoréticas entre Nietzsche (1999) e Freud (1987), estes acabam por discorrer em divergência com outros grandes nomes do conhecimento, entre eles: Aristóteles (1979; 2007), Hobbes (1983); Bacon (1999), Platão (2002), Campanella (2004), Locke (2004), More (2005), Rousseau (2008); Maquiavel (2010), dado que ambos não defendem um modelo estatal específico. Outra grande semelhança, seria que tanto Freud (1996a), como Nietzsche (1992) se desviam de doutrinas que enfatizem apenas o lado racional do homem, como fazem Kant (2003) e Descartes (2000).

Dentro deste raciocínio, a transmutação dos valores são essenciais para compreender a humanidade na extensão dos períodos históricos, pois enquanto Freud (1987) apresenta os lados positivos e negativos das atitudes expressas nas relações civis, Nietzsche (1999) conta os primórdios e exalta o devir para a melhora das atribuições unilaterais das comunidades. Ao contrário de como diria Hegel (2008), se as mudanças não ocorrerem as relações podem trazer consigo um limiar negativo para inter-comunicações.

Por fim, as transformações éticas são comuns nas estruturações socioculturais e influem nas construções atuais que se concretizarão no futuro, isto é, estes autores ao desenvolverem seus olhares no âmbito crítico, visam indagar os preceitos norteadores para uma integração ética que seja pertinente a condição dos participantes sociais.

Conclusão:

O trabalho apresentado visou relacionar os pensamentos de Freud e Nietzsche perante os movimentos que permeiam as transformações sociais e a construção ética no âmbito sociocultural. Além disso, o estudo exposto almeja enriquecer o arcabouço teórico literário científico-filosófico, instigando pesquisadores e cientistas em pesquisas que integrem ambos os autores.

Referências:

AMORIM, Richard. Filosofia. 1. ed. Rio de Janeiro: Bernoulli, 2016.

ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche como crítico da moral. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 28, p. 33-51, 2008.

ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco. In: Os Pensadores vol.II. Trad. Leonel Vallandro & Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo. Abril Cutural, 1979.

ARISTÓTELES. Política. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.

ARRUDA, Ana Luiza Gardiman. A pena e a moral do ressentimento em Nietzsche. Revista Pensamento Jurídico, v. 10, n. 2, 2017.

AZAMBUJA, Celso Candido. Introdução ao método genealógico de Nietzsche. ethic@- An international Journal for Moral Philosophy, v. 12, n. 1, p. 127-142, 2013.

BACON, F. Nova Atlântida. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Col. Os Pensadores)

BIRMAN, Joel. Criatividade e sublimação em psicanálise. Psicologia Clínica, , v. 20, n. 1, p. 11-26, jan./2009.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Nietzsche: niilismo e genealogia moral. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 98, p. 477-501, 2003.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e a decifração do mecanismo psicofisiológico do ressentimento. Conselho Editorial Docente, 2014

BITTENCOURT, Renato Nunes. O ressentimento como problema fundamental em Nietzsche. TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 9, n. 1, 2016.

BRAGHIROLLI; M., E. Psicologia Geral. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 2010.

CAMARGO, Gustavo Arantes. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 1, n. 2, 2010.

CAMPANELLA, Tommaso. A Cidade do Sol. São Paulo: Martin Claret, 2004

COTRIM, G. Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

DAVID, Sérgio Nazar. Freud & a religião. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

DAVIDOFF, Linda. Introdução à Psicologia. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

DE SANTANA, Maeli Maia Alves l. UMA PERSPECTIVA DO SOFRIMENTO EM FREUD E NIETZSCHE. Anais do EVINCI-UniBrasil, v. 3, n. 1, p. 62-62, 2017.

DESCARTES, RENÉ. Meditações Metafísicas. São Paulo: Martins Fontes, 2000

DOS SANTOS, Moisés. Introdução a teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro: Juruá, 2014. Enrico Corvisieri

FADIMAN, James; FAGNER, Robert. Teorias da Personalidade. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

FARIAS, Ícaro Souza. Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche. Revista Húmus, v. 3, n. 7, 2013.

FEIST, J.; FEIST, G. Teorias da Personalidade. 1. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2008.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Nietzsche. Cadernos Nietzsche, n. 7, p. 27-40, 1999.

FREUD ,O inconsciente. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. vol. XIV

FREUD, 1996g. A Além do Princípio de Prazer. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. vol. XIV.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996ª

FREUD, Sigmund. Por que a guerra. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996c

FREUD, Sigmund. Totem e tabu e outros trabalhos. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996b

FREUD, Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996d

G., Cotrim; FERNANDES, M. Filosofar. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

GARCIA-ROZA, L. A. Freud e o inconsciente. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GORI, Pietro; STELLINO, Paolo. O perspectivismo moral nietzschiano. Cadernos Nietzsche, v. 1, n. 34, p. 101-129, 2014.

GUTIÉRREZ-TERRAZAS, José. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 5, n. 1, p. 91-100, 2002

HALL, Lindsey e Campbell . Teorias da Personalidade. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HEGEL, G. W. F. Filosofia da História. Trad. Maria Rodrigues & Hans Harden. 2a Ed. Brasília: Editora UNB, 2008.

HERMANN, F. A. O homem psicanalítico: Identidade e crença. 1. ed.: Revista Brasileira de Psicanálise, 1983.

HOBBES, Thomas. Leviatã. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. (Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). 3. ed. São Paulo: AbrilCultural, 1983. Col. Os Pensadores.

KANT, Crítica da Razão Prática. 1° Edição Bilingue. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOLTAI, C. Totem e tabu: Um mito freudiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

KUSNETZOFF, J. C. Introdução à psicopatologia psicanalítica. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

LAPLANCHE, J. Pontalis, J. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1996

livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo:Companhia das Letras, 2005.

LOCKE, John. Segundo Tratado sobre o Governo. In: Os pensadores. Trad. Anoar Aiex e E. Jacy Monteiro. 2º Ed. São Paulo: Abril Cultural: 2004

MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MEDNICOFF, E. Dossiê Freud. 7. ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2015.

METZGER, Clarissa et al. Sublimação e pulsão de morte: a desfusão pulsional. Psicologia USP, v. 21, n. 3, p. 567-583, 2010

MORE, Thomas. A Utopia. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005

MOREIRA, Antônio Rogério da Silva. Nietzsche: o ressentimento e a transmutação escrava da moral. 2010.

NAKASU, M. V. P. O parricídio em Totem e tabu: Uma análise acerca da gênese do conceito de pulsão de morte. Revista de Filosofia Aurora, v. 17, n. 20, p. 134-146, 2007.

NETO, Alfredo Naffah. Nietzsche e a Psicanálise. Cadernos Nietzsche, n. 2, p. 41-53, 1997.

NIETZSCHE, F. Crepúsculo do Ídolos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 22).

NIETZSCHE, Friedrich. O anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio. Editora Companhia das Letras, 2007

NIETZSCHE, Humano Demasiado Humano (tradução de Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia (tradução de J. Guinsburg); São Paulo: Companhia das Letras, 1992

NIETZSCHE,, Genealogia da Moral (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1999

NIETZSCHE. Além do Bem e do Mal (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2a ed. 2002.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Da polissemia dos conceitos “ressentimento” e “má consciência”. Revista de Filosofia Aurora, v. 23, n. 32, p. 201-221, 2012.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Nietzsche e Dühring: ressentimento, vingança e justiça. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 33, p. 147-172, 2011.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. O procedimento genealógico de Nietzsche. Revista Diálogo Educacional, v. 1, n. 2, p. 1-170, 2000.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. O ressentimento como inibição da ação, reação e ação na filosofia de Nietzsche. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, v. 4, p. 34-43, 2016.

PLATÃO. República. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de

PONDÉ, Luiz Felipe. A era do ressentimento. Globo Livros, 2019.

REGINSTER, Bernard. Ressentimento, poder e valor. Cadernos Nietzsche, v. 37, n. 1, p. 44-70, 2016.

Reis, Alberto. Magalhães, Lúcia; Gonçalves. Teorias da personalidade em Freud, Jung e Reich, São Paulo: EPU, 1992

ROUSSEAU, Jean Jacques – Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens / Jean Jacques Rousseau; [introdução de João Carlos Brum Torres]; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2008.

RUDGE, A. M. Pulsão de morte como efeito de supereu. Ágora, v. 9, n. 1, p. 79-89, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo como Vontade e Representação. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney Ellen. Teorias da Personalidade. 9. ed. São Paulo: Thomson, 2002.

TEIXEIRA, M.; BOCK, Ana Maria; FURTADO, O.. Psicologias. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

TREVISAN, J. F. Nietzsche e o ressentimento: um estudo em Psicologia Social. 2005. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) __Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ZIMERMAN, David. Fundamentos Psicanalíticos. São Paulo: Artmed, 2004.